

ENGAJAMENTO LITERÁRIO: PERSPECTIVA DE NOEL, PERSONAGEM-ESCRITOR DE *CAMINHOS CRUZADOS*¹

Jaqueline Borges de QUEIROZ

Orientador: Prof. Dr. Mário Luiz Frungillo

Resumo: Este trabalho analisa o personagem-escritor Noel, de *Caminhos Cruzados*, buscando mostrar como suas reflexões e diálogos com outros personagens contribuem para a discussão acerca do engajamento literário. Para isso, uma breve contextualização dessa problemática foi feita. No entanto, o foco maior foi o estabelecimento de uma relação entre a discussão da função social da literatura dentro da própria forma literária e o contexto de produção da obra *Caminhos Cruzados*, já que no Brasil dos anos 30 – cenário de forte polarização política e ideológica – era exigida dos escritores uma literatura engajada que fosse assumidamente partidária. Diante desse contexto, averiguou-se como a defesa de uma literatura não panfletária mas ao mesmo tempo social por parte de Erico Verissimo refletiu-se na elaboração de *Caminhos Cruzados* e na construção do personagem-escritor Noel.

Palavras-Chave: Literatura brasileira, Erico Verissimo, Caminhos Cruzados, Engajamento literário, Personagem-escritor.

FUNÇÃO SOCIAL DA LITERATURA: A PRÁTICA DO ENGAJAMENTO LITERÁRIO

A literatura faz parte da vida humana há séculos. Está presente no ensino, na pesquisa, no cotidiano. Sua importância e função social são, portanto, questões fundamentais que dificilmente deixarão de ser discutidas por críticos, leitores e escritores. Afinal, enquanto prática artística, seu papel é o de apenas conferir prazer estético ou ela tem por obrigação despertar uma consciência crítica e social? A escolha do escritor por uma dessas opções é capaz de eliminar ou inviabilizar a realização plena da outra? Tais questionamentos vêm sendo feitos por aqueles que trabalham ou se interessam por literatura há muito tempo - seja na forma de críticas, teorias ou até mesmo dentro da própria literatura - porque estão relacionados com a própria existência e concepção do texto literário.

¹ Este artigo originou-se a partir da monografia homônima, defendida pela autora em 14/12/2016 no Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras. Trata-se também de um recorte de uma pesquisa de Iniciação Científica mais ampla, intitulada “O escritor diante do mundo: perspectiva dos personagens-escritores de Erico Verissimo”, financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Ao se pensar na função que a literatura exerce na sociedade, é preciso considerar, conforme nos faz crer Antonio Candido², o próprio texto literário, o público e o escritor, já que as obras, além de serem influenciadas pelo meio em que são concebidas, também o influenciam. Ainda de acordo com o crítico, o escritor, mais do que um indivíduo que exprime sua originalidade, desempenha um *papel social*, sendo figura importante nesse processo de circulação literária, já que é o termo inicial dele³. Para Candido⁴, a posição de um autor está ligada ao conceito social elaborado pelo coletivo em relação a sua atividade, que, uma vez reconhecida, justifica-se socialmente. Talvez seja essa a razão dos escritores sempre se indagarem sobre o sentido da sua iniciativa através de perguntas como as que foram exemplificadas anteriormente.

Quando se discute função social da literatura, é comum trazer à tona a questão do engajamento literário, prática intrinsecamente relacionada com as escolhas do escritor e com o contexto de produção das obras. Segundo Denis,⁵ o engajamento sempre resulta em um “questionamento sobre o *ser* da literatura, numa tentativa de fixar seus poderes e seus limites”. Para o autor, muito mais do que adotar uma posição política, trata-se de uma interrogação sobre o papel e o lugar da literatura nas sociedades, permitindo aos escritores analisar em que medida a literatura pode ser força atuante sem deixar de ser, ao mesmo tempo, objeto estético⁶.

A fim de entender melhor como as discussões acerca da possibilidade de engajamento literário influenciaram as escolhas dos escritores ao longo dos anos, vale a pena conhecer os fatores que, de acordo com Denis⁷, foram determinantes para o surgimento dessa prática. Para o estudioso francês, o rompimento do campo literário com a sociedade por volta de 1850, em uma visão conhecida como *modernidade literária*, é um momento histórico importante a ser destacado, pois muitos escritores e críticos passaram a valorizar a *forma* como único elemento capaz de dar autonomia ao escritor. Assim, a literatura ausentou-se dos debates sociais e passou a ser vista como um fim em si mesmo, ou seja, foi um momento de auge da busca pelo purismo estético.

No entanto, entre o fim do século XIX e começo do XX surgiu uma nova figura, o *intelectual*⁸, que ocupou um papel social importante, passando a ser responsável por

2 CANDIDO, A. (1985). *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*, 7ª ed., Ed. Nacional, SP, p. 24.

3 *Ibidem*, p. 74.

4 *Ibidem*, p.75.

5 DENIS, B. (2002). *Literatura e engajamento: de Pascal a Sartre*, EDUSC, SP, p. 303, grifo do autor.

6 *Ibidem*, p.303.

7 *Ibidem*, pp. 20, 201, 202.

8 Segundo Denis (2002, p. 210), “trata-se de um conjunto relativamente heterogêneo de atores sociais (cientistas, universitários, escritores...) que têm em comum, além de serem profissionais que trabalham no campo das idéias e dos saberes, de terem chegado, nos seus setores respectivos de atividades, a um grau suficiente de autonomia e prestígio para reivindicar um direito de intervir nos negócios públicos”.

manifestações políticas que tomaram o lugar dos textos literários. Devido a isso, nos anos 20 e 30 do século XX os escritores começaram a engajar-se para reconquistar sócio e politicamente o espaço que a literatura estava deixando de ter por causa desse novo discurso. Perdendo sua autossuficiência, a obra literária passou a ser vista como um meio de servir a um propósito social ou ideológico, resultando assim na literatura engajada.⁹

Um terceiro momento histórico importante para a prática da literatura engajada, segundo Denis¹⁰, seria a Revolução de Outubro em 1917, na Rússia: ela foi responsável por politizar ainda mais o campo literário, que passou a dividir-se entre esquerda e direita nas duas décadas subsequentes. Surge então a discussão sobre como a literatura pode se conciliar com a ação política¹¹, e diversos pontos de vista a respeito de como a literatura engajada deve ser praticada.

No caso específico do Brasil, a maioria dos estudos indica que a polarização e a busca pelo estreitamento da relação entre literatura, política e sociedade se intensificaram a partir dos anos 30, período no qual a discussão acerca do engajamento esteve bastante presente na escrita, crítica e recepção dos textos literários.

BRASIL E O ROMANCE NA DÉCADA DE 30: POLARIZAÇÃO POLÍTICA E IDEOLÓGICA

Candido¹² destaca que na década de 30 a literatura e as ideologias políticas passaram a conviver de forma íntima no país como consequência do movimento revolucionário de outubro e da influência dos Estados Unidos e da Europa, onde, como já dito, algo semelhante ocorria. De acordo com o crítico, foi estabelecida uma polarização política entre os intelectuais que acreditavam em posições partidárias opostas, fato que se refletiu na literatura da época. Nesse contexto, até mesmo aqueles que não escolheram claramente um dos polos ideológicos evidenciaram preocupações sociais e religiosas em suas obras¹³.

A relação entre a literatura e o social passou a ser, assim, amplamente discutida. Como destaca o historiador literário Luís Bueno¹⁴, a intelectualidade se enxergava como conectada à política, e alguns escritores inclusive se filiaram a partidos de esquerda ou de

9 Ibidem, pp. 20, 210, 211.

10 Ibidem, p. 22.

11 Ibidem, p. 239.

12 CANDIDO, A. (1980). A revolução de 1930 e a cultura. In: CANDIDO, A. (1989). A educação pela noite: e outros ensaios. 2ª. ed., Ática, SP, p.188.

13 Ibidem, p. 188.

14 BUENO, L. (2006). Uma historia do romance de 30. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo e Editora da Unicamp, SP, p.36.

direita. O romance social realista ganhou destaque, principalmente o chamado romance proletário¹⁵. Tal foi, para alguns escritores, a preocupação em revelar o engajamento dentro do próprio enredo dos romances, que eles passaram a enxergar a literatura apenas pelo prisma da luta política¹⁶, caso de Jorge Amado, por exemplo. De acordo com Bueno,

a formação da consciência de que o país é atrasado canalizou todas as forças. Produziram-se romances que se esgotavam ou na *reprodução documental de um aspecto injusto da realidade brasileira* ou no aprofundamento de uma mentalidade equivocada que contribuiria para a figuração desse atraso¹⁷.

Além disso, segundo o estudioso alguns críticos começaram a avaliar positivamente apenas as obras que se alinhavam com sua perspectiva ideológica, revelando também uma preocupação com o conteúdo, mas não com a forma¹⁸. Anos mais tarde, Antonio Candido reprovou o desprezo dos críticos e escritores da época pela elaboração formal. O crítico brasileiro chamou a atenção para o fato de que a preocupação com os problemas humanos e sociais os levou a negligenciar a estética das obras. Assim, eles não perceberam que a validade de alguns temas e opções ideológicas não era o único fator importante, já que a sua concretização dependia da boa elaboração formal¹⁹. De acordo com Bueno²⁰, a afirmação do valor do romance social tomou o lugar da discussão sobre o que era literatura, e a criação literária propriamente dita só voltou a ser centro das preocupações ao final da década, quando a polarização política perdeu sua força.

Portanto, nesse período a influência da discussão acerca do engajamento literário se fez sentir na história e concepção do texto literário, pois reforçou a falsa dicotomia realismo x esteticismo. Contudo, é importante ressaltar que essa espécie de “desprezo” de alguns escritores pela estética não significa que as obras literárias do período não tenham importância na história da formação do romance brasileiro. Pelo contrário, assim como Candido defende, ainda que seja negativo o fato do “problema” ter ganhado mais relevo em relação a outros fatores, como a construção dos personagens, “tal limitação determina o importantíssimo caráter de *movimento* dessa fase do romance, que aparece

15 O romance proletário foi marcante no início da década de 30. Para entender melhor do que se trata, vale a pena saber quais eram as características que ele deveria possuir para a maioria dos escritores e críticos da época através de um exemplo: de acordo com Bueno (2006, p.162), ao fazer a crítica do livro *Cacau* (1933), de Jorge Amado, o crítico da esquerda Alberto Passos Guimarães utilizou esse livro como símbolo do bom romance proletário por ele possuir todos os elementos que Guimarães considerava característicos desse tipo de romance, a saber, descrever em seu enredo a vida proletária, valorizar as massas e expor sua rebeldia.

16 Ibidem, 172.

17 Ibidem, p.78, grifo meu.

18 Ibidem, p.172.

19 Ibidem, p.197.

20 Ibidem, pp. 208, 416.

como instrumento de pesquisa humana e social, no centro de um dos maiores sopros de radicalismo da nossa história”²¹.

Pode-se considerar também - ainda incorporada a esse caráter de pesquisa humana e social destacado por Antonio Candido - a discussão do papel do intelectual dentro dos próprios textos literários como outra contribuição importante do romance de 30. Como Bueno²² destaca, devido ao fato da figura do proletário e de outras minorias passarem a ter destaque nos romances, os escritores tiveram que enfrentar o problema de lidar com o outro. Para alguns, como Graciliano Ramos, havia a preocupação de não cair no estereótipo ao tentar atravessar as diferenças sociais que separam o intelectual e as classes desfavorecidas; para outros, como Jorge Amado, o mais importante era o intelectual falar pelo proletário, revelando suas dificuldades e incitando a revolta destes.

Assim, a questão de falar sobre o outro – vindo de outra classe e de uma realidade por vezes desconhecida pelo escritor – não foi tratada de forma igual pelos autores. De qualquer forma, essa preocupação (ou falta dela) acabou sendo evidenciada dentro das próprias obras literárias: alguns romancistas de 30 trouxeram para dentro dos seus enredos a discussão acerca do papel dos intelectuais em meio a esse cenário de lutas políticas e ideológicas. O engajamento reivindicado durante a década possibilitou que a *função do escritor* virasse objeto de intensa reflexão, principalmente no que tange às implicações sociais do seu trabalho.

Ao levar essa problemática para o interior dos seus romances, alguns autores criaram condições para que a escrita de textos literários fosse discutida a partir da perspectiva de personagens-escritores, permitindo assim que a questão da função social da literatura e do escritor fosse aprofundada, e possibilitando que esses romances pudessem ser estudados como reflexo dos debates ideológicos da época e de toda a polêmica que envolve o engajamento em literatura. É o caso do escritor gaúcho Erico Verissimo, que se destaca por tematizar a discussão acerca do engajamento literário no interior do seu romance *Caminhos Cruzados*.

CAMINHOS CRUZADOS: ARELAÇÃO ENTRE O SOCIAL E A LITERATURA

Escrito em 1935, *Caminhos Cruzados* retrata os problemas presentes no cenário urbano da década de 30, revelando os enormes abismos que separam as classes sociais. Erico Verissimo, criticado por seus contemporâneos devido ao fato de se recusar a fazer

21 Ibidem, p. 124, grifo do autor.

22 Ibidem, pp. 23-24.

literatura panfletária e não se aliar a nenhum partido político²³, trouxe através desse romance importantes reflexões acerca da função social da literatura.

Caminhos Cruzados acompanha, basicamente, a rotina de seis famílias - das quais três são pobres e três são ricas – e de mais alguns personagens avulsos. A narrativa inicia-se de forma *aleatória* em um sábado, e da mesma forma termina, sem nenhuma grande motivação, em uma quarta-feira. Trata-se de um recorte da vida dos personagens, que estão lidando com seus dramas cotidianos: alguns mais graves, outros mais fúteis. Há uma senhora rica cuja maior preocupação é dar uma festa de aniversário memorável; um desempregado que se encontra em situação de quase miséria; um novo-rico que ganhou na loteria e busca alcançar prestígio entre os membros da alta sociedade; um tuberculoso que está à beira da morte; uma jovem pobre e batalhadora; e assim por diante. Os personagens não são muito aprofundados e funcionam como tipos sociais, caricaturas que representam a miséria, o pessimismo, a futilidade, a falsa moralidade. A crítica é feita através do cruzamento das histórias desses diversos personagens, dos contrastes entre as preocupações tolas de alguns e dos dramas de outros.

Se comparado a um livro da década que buscava revelar em seu enredo um engajamento explícito, como *Cacau*, de Jorge Amado, o romance de Erico Verissimo se revelará bem mais sutil e irônico em sua crítica. Ambos os livros trazem, por exemplo, personagens prostitutas, mas enquanto em *Caminhos Cruzados* a sensibilização do leitor se dá apenas através da rotina da prostituta Cacilda, em *Cacau* há um apelo explícito do protagonista-narrador para que não haja mais prostituição:

Pobres mulheres, que choravam, rezavam e se embriagavam na rua da Lama. Pobres operárias do sexo. Quando chegará o dia da vossa libertação?
(...) os ricos não se envergonham da prostituição. Contentam-se em desprezar as infelizes. Esquecem-se de que foram eles que as lançaram ali.²⁴

Há, como se nota pelo trecho, a culpabilização dos ricos, os quais seriam responsáveis pela prostituição das mulheres pobres. Erico Verissimo, ao contrário, optou por revelar as injustiças da engrenagem social de forma diferente a dos escritores panfletários da década de 30, como o escritor Moacyr Scliar atesta:

Os ricos que retrata não são sanguinários exploradores da classe operária; são, antes de tudo, figuras ridículas, patéticas mesmo; e os pobres não são heróis proletários, são criaturas sofridas.²⁵

23 Na contramão da polarização política da década de 30, Erico Verissimo não abriu mão da sua autonomia política e ideológica. Defendeu-se das acusações de escritor alienado argumentando que, apesar de nunca ter sido membro de um partido político, sempre se manifestou acerca dos problemas sociais e humanos da sua época, recusando-se apenas a fazer literatura panfletária. (Conf. VERISSIMO, E.; BORDINI, M.G. (org.). (1999). *A liberdade de escrever: entrevistas sobre literatura e política*, Globo, SP, p.95.)

24 AMADO, J. (1996). *Cacau*, 50ª, Record, RJ, p. 57.

25 SCLIAR, M. (2016) “Prefácio”. In: VERISSIMO, E. (2016). *Caminhos Cruzados*, Companhia de Bolso, SP, p. 15.

Assim, *Caminhos Cruzados* é um romance social que se diferenciou do romance explicitamente engajado, militante. E a tensão que havia na década em relação a esse engajamento tornou-se um dos temas do romance, que mostra tanto a idealização da literatura quanto a busca pelo engajamento literário. Há três personagens que, em maior ou menor grau, são capazes de contribuir para a discussão acerca da função social dos textos literários. O primeiro, João Benévolo, é um homem desempregado, casado e pai de um filho. Precisa trabalhar para sustentar a família, que já está passando fome. No entanto, apaixonado por literatura, chega a ponto de esquecer a própria miséria quando está lendo seus livros. Vive em devaneios, imaginando-se como personagens dos romances, o que o faz muitas vezes deixar de enfrentar seus problemas. Através dele, é possível refletir acerca do contraste entre a literatura e a realidade, e também ver outra perspectiva em relação ao papel da literatura: ela pode ser usada como uma forma de *conscientização*, como queriam alguns escritores e críticos da década de 30, mas também pode ser usada como uma forma de *alienação* ou fuga da realidade.

Os outros dois personagens, Clarimundo e Noel, também têm dificuldade de abandonar a literatura e as abstrações para enfrentar a realidade que os cerca. No entanto, não são personagens em situação de miséria, são dois intelectuais que desejam se tornar escritores. Clarimundo Roxo é um professor excêntrico, que já passou dos 40 anos e vive sozinho. Não consegue estabelecer uma relação mais próxima com as pessoas, nem ao menos com os vizinhos e alunos. Admira muito a ciência, louva a gramática e o latim; mas não consegue lidar com as coisas práticas da vida e não enxerga as dificuldades daqueles que estão a sua volta. Para ele, a vida nada mais é do que “uma sucessão de acontecimentos monótonos, repetidos e sem imprevisto”²⁶. É por isso, segundo Clarimundo, que “alguns homens de imaginação foram obrigados a inventar o romance”²⁷. Não é de se admirar que, ao iniciar o projeto de escrever um livro, a obra que o professor tenha em mente seja de fundo científico e narre as coisas surpreendentes que acontecem na Terra a partir da visão de um ser racional habitante de Sírio, uma estrela muito remota.

Clarimundo é um intelectual/escritor que não consegue se aproximar do outro, e o livro que escreverá não irá denunciar os dramas das classes desfavorecidas, dos quais ele nem mesmo tomou consciência da gravidade. Já Noel, apesar de ter um perfil bem parecido, será responsável por aprofundar, dentro de *Caminhos Cruzados*, a discussão sobre o papel social do escritor. Enquanto Clarimundo em nenhum momento é questionado sobre o tema que escolheu para seu livro, a visão de Noel acerca da possibilidade de engajamento é confrontada diversas vezes, e através dele há uma discussão mais explícita de como a literatura e o social podem se relacionar.

26 VERISSIMO, E. (2016). *Caminhos Cruzados*, Companhia de Bolso, SP, p. 348.

27 *Ibidem*, p. 348.

NOEL E A BUSCA PELO ENGAJAMENTO

Filho único do comerciante Honorato Madeira e da vaidosa Virgínia, Noel pertence ao núcleo dos personagens ricos. Cresceu com os mimos da sua babá, a negra Angélica. Ela cuidava de Noel como se ele fosse um filho, mas seu protecionismo exagerado não permitiu que o menino se relacionasse e brincasse com outras crianças da sua idade. A única exceção é Fernanda, amiga que levava Noel pela mão à escola e o defendia dos valentões que o ofendiam. Como os pais de Noel não foram muito participativos durante seu crescimento, pois estavam mais preocupados com os próprios interesses, são essas duas figuras que mais irão exercer influência na personalidade e nas decisões dele.

Já adulto, Noel é um rapaz solitário, sonhador, sensível e ainda mimado. A negra Angélica morreu quando ele ainda era adolescente, mas os contos de fadas e outras histórias de fantasia que ela contava não saem da cabeça do amigo de Fernanda, que vive imerso no mundo da ficção. Apesar de ter se formado em Direito, nunca exerceu a profissão de advocacia. Gasta seus dias trancado no quarto, lendo ou ouvindo música. Não consegue se aproximar dos pais, o que lhe deixa ainda mais fechado em seu próprio mundo:

Noel sentia um vazio em sua vida. (...) Em casa os dias se arrastavam monótonos. Às vezes Noel se atrasava na rua de propósito à hora das refeições, pois essas eram momentos de pouca ou nenhuma cordialidade. Honorato lia o jornal, enquanto as criadas traziam os pratos. Virgínia arreliaava sem razão com o pessoal da casa. Os diálogos eram raros, difíceis, entrecortados.²⁸

Noel consegue se sentir mais confortável para estabelecer um diálogo apenas com Fernanda, a amiga de infância. Ao contrário dele, ela pertence ao núcleo dos personagens pobres. Batalhadora, ajuda a sustentar sua família, composta pela mãe, a rabugenta D. Eudóxia, e o irmão, o jovem Pedrinho. Vivendo uma realidade difícil, Fernanda conhece melhor os dramas sociais e as dificuldades da vida. No entanto, apesar das realidades dos dois amigos serem tão distintas em alguns aspectos, eles ainda têm em comum a paixão pelos livros e as lembranças da infância. Permanecem se encontrando para trocar impressões de livros e relembrar o passado. E é essa amizade que será determinante na busca de Noel pelo engajamento.

Fernanda sabe que o amigo ainda não encarou a vida de frente, e usa a ficção e a imaginação para fugir da realidade cotidiana. Deseja que Noel “mude, vença o terror de menino mimado e entre na vida, resoluto, de olhos abertos e cabeça erguida”²⁹. Apesar de ser uma intelectual como o filho de Virgínia, ela tem uma relação diferente com a literatura:

28 Ibidem, p. 34.

29 Ibidem, p. 168.

Ontem estive lendo a Mansfield – diz Noel. – O diário...

Fernanda sorri. Já estava custando virem os livros. Noel não passa dez minutos sem falar em literatura. Por quê? O dia está tão claro, a paisagem tão encantadora... Ela lê também, ama os livros, mas não se deixa escravizar por eles. Primeiro a vida. E se os livros oferecem interesse, ainda é por causa da vida.³⁰

Como é possível perceber através do trecho, mesmo sendo apaixonada por literatura e a usando para escapar um pouco da rotina pesada, Fernanda tem consciência de que os livros não podem substituir sua verdadeira realidade. Isso fica muito claro quando ela está lendo um romance no qual uma personagem, Olívia, está preocupada com a falta de um parceiro para ir ao baile e, em vez de se imaginar como uma jovem rica que também tem essas preocupações tolas, ri do “problema”. Noel, ao contrário, tem o costume de se perder em devaneios, imaginar-se no universo fantasioso em que os personagens dos livros que lê vivem. Enquanto Fernanda reflete sobre o que seria da personagem Olívia se ela passasse por dificuldades como as suas, Noel faz o movimento inverso, ou seja, fantasia sobre como seria a vida se ela fosse como nos contos de fada. Sua sensibilidade e admiração pelas idealidades estéticas o impedem de refletir sobre a relação entre a literatura e o humano. Aliás, para Noel tudo que não pode ser romantizado e apreciado esteticamente é desprezível, até mesmo as próprias pessoas:

- Se a vida fosse sempre assim – continua Noel – eu seria um adaptado. Dias bonitos, paisagens bonitas, esta distância entre a gente e outras criaturas. Não precisar estabelecer relações desagradáveis, não precisar lutar pelo pão de cada dia...³¹

O amigo de Fernanda se encanta com a sofrida história da escritora Katherine Mansfield, narrada no livro *Diário e Cartas*. Fica profundamente comovido e angustiado devido à morte precoce de Katherine, pois sua escrita revela como ela era sensível, “uma fada”. Fernanda então tenta fazê-lo perceber que há dramas como o da escritora bem mais perto do que ele imagina:

- Pode ser uma tolice – continua ele -, mas tudo isso me comove...

Fernanda sacode a cabeça, com o sorriso do mais velho que perdoa a travessura da criança.

- No entanto não tens olhos nem piedade para as desgraças atuais, para as que estão perto de ti no tempo e no espaço...

- Como?

- Pensa bem, faz um esforço. Perto da minha casa mora um tuberculoso que está morre não morre. Tem dois filhos. A casa é imunda. Fatalmente os pequenos vão pegar a doença. A mulher parece que já está contaminada.³²

30 Ibidem, p. 171.

31 Ibidem, p. 168.

32 Ibidem, p. 171.

Noel, porém, não vê a beleza romântica dos livros nos dramas cotidianos. As tragédias reais não o sensibilizam, não o afetam. Isso porque ele prefere ficar preso ao mundo ficcional. Sente-se profundamente incomodado com a história da escritora que morreu de tuberculose aos 34 anos, mas somente porque seu drama passou a fazer parte da literatura. O vizinho de Fernanda está mais próximo, pode morrer do mesmo mal, mas sua história não é literária, não é romântica, não é esteticamente apreciável:

Noel sacode a cabeça. É uma história nova. Nova e horrível. Ele reluta em tomar conhecimento dela. A realidade não é maravilhosa como a poesia, mas também não tem o melodramático das desgraças dos romances. A vida é simplesmente chata e sem cor. Simplesmente.³³

Da mesma forma, as dificuldades de um homem desempregado não são interessantes, não são capazes de fazê-lo refletir:

Fernanda continua:

- Na frente da minha casa mora um homem que tem mulher e filho e está sem emprego. Trabalhava na mesma loja onde trabalho. E eu sei por que o coitado foi despedido... Porque precisavam dar o lugar dele para o protegido dum político influente. O patrão não hesitou...

Noel não pode duvidar do que Fernanda lhe diz. Ela viu, sabe...

- Mas de que serve a minha piedade? Poderá ela melhorar a sorte dessa gente?³⁴

Nitidamente Noel não se comove com o drama de João Benévolo – o vizinho desempregado a quem Fernanda está se referindo – do mesmo modo que se sensibiliza com as tragédias literárias. Trata-se de problemas do outro, ao qual ele é indiferente. Não há a mesma proximidade que existe entre ele e Katherine, o que se explica pelo fato de que ela era uma escritora, uma intelectual que foi capaz de romantizar as tristezas pelas quais passou e transformá-las em um texto que condiz com as idealizações estéticas de Noel. Além disso, a tristeza dele em relação à história de Mansfield sempre permanecerá no plano da abstração, afinal, ela está morta e tudo que resta são seus escritos. Por mais que diga à Fernanda que o fato do corpo da escritora já estar em decomposição lhe ser “quase insuportável”, na verdade é justamente isso que o possibilita sofrer devido às amarguras que permearam a vida de Katherine. Noel pode conservar para sempre a beleza que há no drama da escritora apenas em seus pensamentos, ao passo que sabe que somente sua piedade em relação às desgraças atuais não basta.

Contudo, se Noel representa uma espécie de confronto entre a literatura e o real, entre o abstrato e o concreto, Fernanda é a sua chave na busca por um equilíbrio entre esses opostos. Ela tem uma resposta pronta para a pergunta do amigo:

33 Ibidem, p. 172.

34 Ibidem, p. 172.

Fernanda é rápida na resposta, pois já pensou muitas noites no assunto.

- A tua piedade não. *Mas poderás fazer alguma coisa para que um dia tudo isso melhore...*

- Não sei como...

- Eu sei...³⁵

A solução está na ação, em uma atitude que Noel poderia tomar para ajudar os que estão a sua volta. Fernanda não diz, de forma direta, que atitude é essa. Cala-se. Depois de um tempo, no entanto, faz uma pergunta que fornece uma pista de como acha que o amigo poderia engajar-se nas mudanças sociais que tanto anseia:

- E o romance? – pergunta Fernanda.

- Como sempre. Parado.

Noel tem um velho projeto: escrever um romance.

- Por quê? Por que não trabalhas?³⁶

Descobrimos, então, que o filho de Honorato e Virgínia é um aspirante a escritor. Não tem se dedicado muito a esse sonho, mas já fez algumas tentativas. As únicas inspirações que têm, no entanto, resultariam em uma autobiografia, pois elas estão relacionadas com suas lembranças de infância, as histórias da tia Angélica, “a vida do menino mimado que veste roupas limpas”³⁷. O problema é que, mesmo acreditando na possibilidade de se libertar dos “seus fantasmas” ao escrever sobre a sua própria vida, no final das contas o que Noel sempre acaba fazendo é um “conto de fadas de outro conto de fadas”, uma “história sem força”³⁸ que não agrada nem a si mesmo. Isso porque ele sempre viveu imerso na fantasia, dedicando-se quase exclusivamente à ficção, e o melhor que consegue fazer agora é reproduzi-la em uma versão inferior. Mas Fernanda vê no desejo do amigo de se tornar escritor uma possibilidade de engajamento com a vida:

Eu te ofereço um assunto, e esse assunto será o teu primeiro passo na direção da vida...

- Qual é?

- Toma o caso de João Benévolo. Tem mulher e filho e está desempregado. Eis uma história bem humana. Podes conseguir com ela efeitos admiráveis.³⁹

Essa é a resposta dela para a pergunta de Noel sobre como ajudar o próximo. Fernanda acredita que o amigo pode utilizar-se da literatura para fazer uma denúncia social, revelar as dificuldades pelas quais algumas pessoas passam devido às enormes

35 Ibidem, p. 172, grifo meu.

36 Ibidem, p. 172.

37 Ibidem, p. 173.

38 Ibidem, p. 173.

39 Ibidem, p. 173.

disparidades que existem na sociedade. Não diz isso de forma explícita, mas, ao oferecer como tema o caso de João Benévolo logo após dizer a Noel que ele precisava enxergar as desgraças atuais, acaba demonstrando que essa é a ação, a atitude que espera dele. Fica então perceptível que Erico Verissimo está tematizando, através dessa personagem, a influência da *consciência social* dos escritores da década de 30 nos conteúdos escolhidos para serem abordados em seus livros: como já abordado no primeiro capítulo, uma das formas encontradas por alguns romancistas para lutar por mudanças na sociedade - além de se filiar a partidos - foi trazer para dentro das próprias obras literárias suas preocupações e denúncias sociais.

Contudo, a sugestão de abordagem que Fernanda dá a Noel não envolve um engajamento explícito. Não se trata de fazer um romance panfletário, característico de alguns autores da década e já exemplificado aqui com *Cacau*, de Jorge Amado. O engajamento literário que ela deseja da parte de Noel está muito mais relacionado ao projeto literário de *Caminhos Cruzados*:

- Por exemplo – insiste Fernanda -, um dia falta a comida... Podes começar a história nesse ponto. O herói olha para a mulher e pergunta: O que é que vamos comer?⁴⁰

A pergunta que Fernanda sugere ser feita pelo protagonista do romance de Noel a sua mulher é muito semelhante a que Laurentina, esposa de João Benévolo, faz ao marido quando lhes restam apenas dois mil-réis: “Que é que a gente vai fazer?⁴¹”. Assim, Erico Verissimo demonstra, através da personagem Fernanda, que a representação das dificuldades cotidianas de quem está em uma situação de miséria também é uma forma de *engajar-se*, de denunciar a realidade. Quando ela propõe a Noel que ele escreva tendo como base a história de João Benévolo, percebemos que a atitude de escritor comprometido que ela quer ver nele foi tomada por Verissimo em *Caminhos Cruzados*.

O personagem Noel, ao contrário, é usado para fazer uma crítica à falta de engajamento por parte do escritor, à oposição entre arte e vida. Noel não enxerga a literatura pelo prisma da denúncia social, mas da elevação do belo:

Noel faz uma careta de desgosto: a mesma careta que fazia em menino quando tia Angélica lhe queria botar goela abaixo, à custa de promessas falsas, um remédio ruim.

- Mas isso é horrível... Não me sinto com capacidade para tirar efeitos artísticos dessa história.

Fernanda responde rápida:

- Tira efeitos humanos. É mais legítimo, mais honesto.

Para Noel a história do homem que perdeu o emprego só tem uma face: a da chatice descolorida e baça do cotidiano. Criaturas sem imaginação, banhos aos sábados, ambientes de janelas fechadas,

40 Ibidem, p. 174

41 Ibidem, p. 277.

cheiros desagradáveis, conversas tolas, um sofrimento que não é desesperado nem suave, mas simplesmente aborrecível. Que esperança poderá haver para um romance baseado em tal história?⁴²

(...) Ele preferia um romance de belas abstrações luminosas, de seres transparentes que não têm sangue nas veias, mas luz, de paisagens eternamente luminosas como a presente, de criaturas que não têm necessidades humanas...

- Não me sinto com forças para escrever esse romance... – confessa Noel.⁴³

Fica claro que o personagem-escritor de Verissimo não concebe uma relação entre a estética e o real. Como Antonio Candido assinalou em seu ensaio “Erico Verissimo de trinta a setenta”⁴⁴, Noel enxerga o *realismo* como uma traição à arte. Devido ao fato de apreciar o *purismo estético* almejado pela modernidade literária, o romance que idealiza se difere radicalmente não só de *Caminhos Cruzados* como também de outros romances da década de 30 que procuraram retratar a vida dos pobres, projetar através do texto literário a dura realidade das classes baixas. Noel nunca escreveria um livro como *Cacau*, por exemplo, nem qualquer outro romance proletário. O sofrimento humano grosseiro, o trabalho brutal e quase escravo que interessou José Cordeiro, personagem-escritor de *Cacau*, seria apenas aborrecível e desagradável para o aspirante a escritor de *Caminhos Cruzados*. Ele aceitará a proposta de Fernanda e tentará escrever sobre um homem desempregado, mas não sem antes relutar. É por isso que Chaves acredita que

Caminhos Cruzados – o verdadeiro ponto de partida de toda a indagação social – não é o livro de Noel; é o livro de Fernanda. Relacionando o conflito intelectual das personagens ao seu projeto literário, Erico Verissimo encaminha-se para uma forma de compromisso que admite, intencionalmente, o debate de idéias e a referência direta à realidade objetiva como elementos integrantes do texto de ficção.⁴⁵

Através da defesa de uma literatura engajada por parte de Fernanda e da alienação de Noel - uma discussão presente em um texto literário que se propõe social -, Verissimo possibilita que venha à tona a importância de *Caminhos Cruzados* enquanto romance de denúncia. Mas, ao mesmo tempo, por meio de Noel há um reconhecimento de que não é fácil para o intelectual escrever a partir da perspectiva do outro. Após decidir produzir um romance com um protagonista como João Benévolo, ele mostra à Fernanda algumas páginas que conseguiu escrever com grande esforço. Revela então que foi difícil escapar das narrações autobiográficas, e que durante o processo de escrita às vezes começava a

42 Ibidem, p. 173.

43 Ibidem, p. 174.

44 Conf. CANDIDO, A. (1972) Erico Verissimo de 30 a setenta. In: CHAVES, F.L. (org.). (1978) O contador de histórias: 40 anos da vida literária de Erico Verissimo, Globo, RS.

45 CHAVES, F.L. (2001). O autor de si mesmo. In: CHAVES, F.L. (2001). Erico Verissimo: O escritor e seu tempo, Universidade/UFRGS, RS, p. 157.

perder contato com a realidade e adentrar o mundo das fadas. Então seu herói perdia a consciência da sua miséria e

- Sentia-se feliz porque lhe davam paz para sonhar. A miséria de sua casa era uma miséria dourada. Ele esquecia a mulher, os filhos e a falta de emprego e começava a recordar a infância com seus mistérios e seus contos de fada...⁴⁶

Para Fernanda, o problema reside no fato de Noel não conhecer a pobreza. Após ele dizer que até a fome acabava se tornando uma ilusão para seu personagem, ela alfineta: “Provavelmente escrevestes depois dum almoço bem farto”⁴⁷. Mas se nos lembrarmos de João Benévolo, o homem cuja história serve de inspiração para Noel, recordaremos que ele é exatamente como esse personagem: esquece seu desemprego e até mesmo sua fome para mergulhar no mundo literário e em seus sonhos de menino. Fica perceptível, então, que Erico Verissimo usa Noel para ironizar o tratamento dado por ele mesmo ao personagem João Benévolo em *Caminhos Cruzados*. A dificuldade de aproximação entre o intelectual e o outro – um problema muito presente na década de 30 devido ao forte desejo de revelar as dificuldades das classes baixas – é mais uma vez evidenciada. Noel chega a declarar: “Não entendo a língua do mundo dos homens. Os homens não entendem a língua do meu mundo. Não é horrível?”⁴⁸.

Não se pode negar, no entanto, que Noel deu um passo em busca do engajamento literário. Fez uma tentativa de escrever retratando o problema do outro e, diferentemente de Clarimundo, o outro intelectual de *Caminhos Cruzados*, começou a adquirir consciência de que precisa encarar a realidade. O afeto que sente por Fernanda, a qual sempre lhe alerta de que o mundo ficcional em que ele vive é uma ilusão, o faz aceitar trabalhar com seu pai no escritório e tentar deixar de ser um escritor/leitor acomodado. Ele quer deixar de se dedicar as fantasias mentirosas que vem alimentando desde a infância. Sente necessidade de “libertar-se do mundo dos fantasmas e entrar definitivamente no mundo dos vivos”⁴⁹.

Obviamente essa mudança não é rápida, e o livro aborda apenas o início dela – ou melhor, o desejo de que ela aconteça -, afinal em *Caminhos Cruzados* só acompanhamos cinco dias da vida de Noel. Mas os seus diálogos com Fernanda são tão importantes para a reflexão acerca da função da literatura que esses dois personagens aparecerão, de forma secundária, em outros dois livros de Erico Verissimo: *Um lugar ao sol* (1936) e *Saga* (1940), que mostram um pouco mais da trajetória de Noel e, conseqüentemente, da escrita

46 Ibidem, p. 234.

47 Ibidem, p.235.

48 Ibidem, p. 236.

49 Ibidem, p. 254.

do seu romance. De qualquer forma, foi em *Caminhos Cruzados* que se deu o início da trajetória desse personagem-escritor, no auge da polarização política e das preocupações sociais por parte dos intelectuais e escritores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se levar em consideração as discussões que podem ser suscitadas acerca do engajamento literário a partir de *Caminhos Cruzados*, atesta-se a relevância do livro e do personagem-escritor de Erico Verissimo para se entender alguns elementos que fizeram parte da formação do romance de 30.

Caminhos Cruzados é um romance representativo dos debates que eram feitos na década sobre o papel da literatura e do escritor diante de um cenário de desigualdades sociais. A confrontação das visões de Fernanda e Noel permite uma reflexão acerca do falso pressuposto de que o realismo e a estética não podem combinar-se na criação de uma boa obra literária. Através da discussão promovida pelos personagens, a priorização da forma ou do conteúdo pode ser questionada - assim como Antonio Candido fez ao criticar o fato de alguns autores de 30 não desejarem conciliar a abordagem dos problemas sociais e a preocupação estética.

Além disso, o personagem Noel personifica a dificuldade do escritor de escrever utilizando um contexto social e personagens que pertencem a uma classe social diferente da sua. Ele possibilita que se reflita, assim, sobre o engajamento literário explícito que era reivindicado na década de 30, o qual levou alguns escritores a falar em nome dos oprimidos. Ao mesmo tempo, o engajamento que Fernanda lhe aconselha a ter demonstra que o escritor precisa estar atento aos problemas sociais que estão em seu entorno. É possível dizer que a defesa de uma literatura não panfletária mas ao mesmo tempo social por parte de Erico Verissimo se refletiu na elaboração de *Caminhos Cruzados* e na construção desses personagens.

Noel tem uma visão da literatura que se opõe ao próprio projeto literário de *Caminhos Cruzados*, que retrata pequenas tragédias e dramas cotidianos, justamente o que ele acredita ser improdutivo para a escrita de um romance. Mas as justificativas que Fernanda lhe dá para que ele retrate as dificuldades daqueles que estão em seu entorno confirmam a importância de *Caminhos Cruzados* como um livro de denúncia social. A alienação de outros personagens, como Clarimundo e João Benévolo, evidenciam que a literatura e outras formas de arte precisam servir para outra coisa que não seja apenas o devaneio e a apreciação estética. Mesmo que o próprio Erico Verissimo tenha reconhecido que provavelmente não exista ninguém tão aéreo quanto esses personagens, eles são fundamentais para a reflexão feita pelo autor acerca do papel social da literatura.

Em um cenário de polarização ideológica, militarismo e busca por engajamento literário, Erico Verissimo teve a perspicácia de, através de um personagem-escritor, discutir a relevância da aproximação entre a literatura e a sociedade. Conseguiu atestar a importância do seu romance *Caminhos Cruzados* para a conjuntura e possibilitou que a função do escritor virasse objeto de reflexão dentro da própria forma literária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMADO, J. (1996). *Cacau*, 50ª. ed., Record, RJ.
- BUENO, L. (2006). *Uma história do romance de 30*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo e Editora da Unicamp, SP.
- CANDIDO, A (1982). Erico Verissimo de trinta a setenta. In: CHAVES, F.L. (org.). (1978). *O contador de histórias: 40 anos da vida literária de Erico Verissimo*, Globo, RS.
- _____. (1985). *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*, 7ª ed., Ed. Nacional, SP.
- _____. (1980). A revolução de 1930 e a cultura. In: CANDIDO, A. (1989). *A educação pela noite: e outros ensaios*, 2ª. ed., Ática, SP.
- CHAVES, F.L. (2001). O autor de si mesmo. In: CHAVES, F.L. (2001). *Erico Verissimo: O escritor e seu tempo*, Universidade/UFRGS, RS.
- DENIS, B. (2002). *Literatura e engajamento: de Pascal a Sartre*, EDUSC, SP.
- SCLIAR, M. (2016) Prefácio. In: VERISSIMO, E. (2016). *Caminhos Cruzados*, Companhia de Bolso, SP.
- VERISSIMO, E.; BORDINI, M.G. (org.). (1999). *A liberdade de escrever: entrevistas sobre literatura e política*, Globo, SP.
- VERISSIMO, E. (2016). *Caminhos Cruzados*, Companhia de Bolso, SP.